



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Roda/Camada/Cole??o - o antrop?logo como feitor de imagens e varia??es do artista como etn?grafo

Autoria: Geslline Giovana Braga

Com uma forma??o anterior em imagem. Sempre pensei que meus textos antropol?gicos pudessem de alguma forma: ter forma. A heran??a de pensar a partir de imagens. Para estruturar a escrita da minha tese em antropologia social, ?A capoeira da roda, da ginga no registro e da mandinga?, parti da forma do cosmograma Dikenga, um c?rculo como a roda de capoeira. Dividi a tese em duas partes: registro e salvaguarda, pensando no primeiro como analogia a ginga e o segundo a mandinga. Com isto, as partes podem ser lidas independentes, o ?ltimo cap?tulo pode ser o primeiro, a introdu??o est? no segundo cap?tulo, o primeiro pretende sugerir ao leitor como os capoeiristas foram apresentados as pol?ticas p?blicas para o patrim?nio e o terceiro liga-se ao caderno de imagens, pretensamente colocado no meio por relacionar-se a todos os cap?tulos como centro da roda, porque discute as rela??es entre imagens/imagin?rio e a salvaguarda. Memes das redes sociais s?o compartilhados ao longo dos cap?tulos, fundamentando as discuss?es propostas. A fotografia levou-me a antropologia. Estranhamente, depois de minha convers?o ? antropologia, tornei-me documentarista. Com a inten??o de voltar-me a imagem, depois da defesa, fui selecionada para o N?cleo de Artes Visuais do SESI/PR, com o objetivo de dar um tratamento de arte contempor?nea as minhas produ??es antropol?gicas e produzir imagens antropol?gicas a sem o real como referente. O formato do n?cleo, com palestras e discuss?es da produ??o de cada participante, possibilitou a interlocu??o com jovens artistas, na maioria mulheres. Esta conviv?ncia fez-me observar os usos de ferramentas da etnografia em resid?ncias art?sticas e site specifcs, ainda que n?o referenciadas e para al?m das observa??es de Hal Foster. Da mesma forma, surpreendeu-me o desuso da antropologia da arte. Desenvolvi tr?s works visuais no n?cleo, os considero todos antropol?gicos, fazendo usos das linguagens e

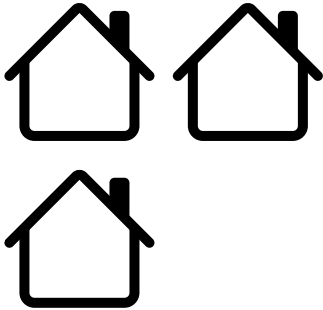


estéticas da arte contemporânea. No presente artigo pretendo apresentar tal produção e, ainda, discutir sobre a etnografia como ato para produção artística contemporânea. Bem como as lógicas da forma da tese. Dois works produzidos no Núcleo, as "quase-colagens" inspiradas em Marilyn Strathern e Tim Ingold, intituladas "Capoeira em escalas" e a série "Objetos chucros" (fotografias de recipientes para doces ou açúcar de minha família colecionados junto aos restos de insumos dos usos de insulina de minha filha) foram inscritos no Prêmio Pierre Verger para ensaios fotográficos deste congresso, a aceitação, ou não, destes também será um dado para pensar a abertura às interlocuções entre arte contemporânea e antropologia. Pensando de tal formas nas permissividades das transversalidades antropologia e arte, para ambas as áreas.

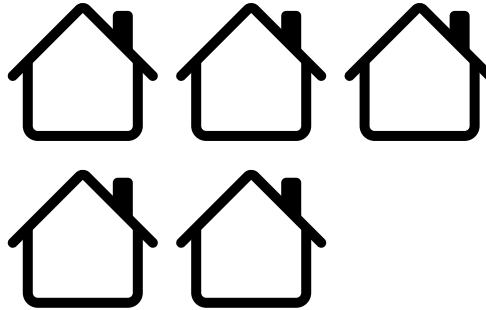
[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

